

# sobre tudo

## MILTON SANTOS E A FÁBULA DA GLOBALIZAÇÃO

Maria Luiza Pierri<sup>1</sup>  
Marcio Marchi<sup>2</sup>

Uma fábula é, popularmente, uma história cujo principal objetivo é repassar ideias virtuosas e de cunho moral aos seus leitores ou ouvintes. Também serve para demonstrar defeitos e características antiéticas do ser humano. Desenvolvida inicialmente no Oriente, uma história desse tipo costuma abordar temas diversos de forma fantasiosa. Pode, ainda, ser tida como uma declaração ou crença errônea, de acordo com o Dicionário de Oxford.

Na obra “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal”, do geógrafo Milton Santos (2009), temos a desconstrução de uma conhecida fábula. Começa descrevendo de forma básica o mundo em que vivemos, que no

---

<sup>1</sup> Estudante do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC. Contato: marialuizafey@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Geografia pela UFSC e Professor de Geografia do Colégio de Aplicação da UFSC. Contato: marciomarchi@gmail.com

seu ponto de vista seria “confuso e confusamente percebido”. Isso se deve ao modo como a história humana fora produzida, sobre o avanço das técnicas e das ciências, criadoras de materiais artificiais que conseqüentemente acabariam formando um lugar confuso (ou uma “torre de babel”, como escreve o autor) em nosso espaço globalizado. No Planeta Terra, um mundo verdadeiro, a importância estaria em transformar a vida social e pessoal através da monetarização e economização, como é citado, as quais serviriam para o império do dinheiro.

Desse jeito, Milton Santos nos propõe três formas de encarar essa globalização, sendo elas: como fábula; como realmente é; e como poderia ser. Esse primeiro modo é mostrado também o mundo como nos fazem crer que ele é, com algumas “fantasias” que não devem faltar em uma fábula. Um exemplo disso, até com um pouco de ironia, é sobre “a difusão instantânea de notícias” que por sua vez cumpriria o papel de informar fielmente as pessoas, nessa chamada aldeia global onde as distâncias se encurtam e tudo está supostamente ao alcance da mão.

E é verdade. Se pararmos para pensar sobre a homogeneização mundial, nos vêm à mente que tudo e todos se parecem e são “iguais”, como é afirmado frequentemente. Porém, Milton Santos relata que essa tal união seria apenas para nos fazer crer na globalização como algo bom, já que “um mercado avassalador” faz com que as divergências sejam maiores e mais nítidas, ao contrário de como o mesmo se apresenta. No meio dessa situação, existe ainda o estímulo ao capitalismo, representado pelas multinacionais. Por fim, o autor nos faz refletir se novamente, ao contrário do que é afirmado, nós não estaríamos de frente para uma ideologia na qual as fantasias seriam as principais condições exigidas.

Mas como seria a realidade da globalização? Segundo o texto, ela seria uma verdadeira fábrica de perversidades para todas as populações, ou quase isso. Sim, seria a chamada “perversidade sistêmica” que se alojara na evolução através da falta de moral e comportamentos competitivos que são praticamente irrevogáveis ao ser humano. Os exemplos do geógrafo são o egoísmo, a corrupção e o cinismo, que impedem a possível construção de um melhor processo de globalização para o bem.

O desemprego cresce, os salários baixam e a pobreza aumenta em boa parte das nações, sem falar nas doenças e enfermidades que aparecem uma ou outra vez, na carência de abrigo e alimentos que acaba se generalizando pelos cantos do mundo. Enquanto por um lado existem pessoas felizes com o progresso de medicamentos e inovações na educação, pelo outro lado, quem sabe nem tão longe, pessoas sofrem com os males e doenças superadas há muito tempo, sentem a falta de remédios e de um sistema educacional decente.

Esse é o aumento da distância entre o sonho de uma sociedade universal da qual fala o autor, oposta ao mundo desunido da atualidade. Essa é verdade que se faz presente no cotidiano em relação às diferenças que são cada vez mais aprofundadas. Aí vem novamente a questão da globalização como fábula, demonstrando a realidade que a fantasia busca encobrir.

Ao chegar à última parte do texto, Milton Santos sugere uma nova globalização, mais humana, que então seria o inverso da perversa evolução que fora citada anteriormente. De acordo com o autor, seriam “a unidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta” as bases nas quais se apoia a economia, a fim de perpetuar a globalização que, infelizmente é verdadeira nos dias de hoje.

Seriam essas, porém, praticamente as mesmas bases que serviriam para construir o mundo de outro modo, a “inversão” previamente citada. Quando propostas para servir a meios diferenciados, como os políticos e sociais, essas técnicas nos trariam também outros objetivos que viriam para melhorar a sociedade, seja no plano empírico quanto no plano teórico, segundo o geógrafo.

Ainda no assunto de construir uma nova história para a raça humana, o autor aponta vários fatores que indicariam uma possível concretização de possibilidades. Um deles seria inclusive a condição histórica presente no final do século XX, com a fundação da União das Nações Unidas após a Segunda Guerra Mundial, entre outras organizações mundiais que surgiram com o tempo.

O que estaria acontecendo aos poucos e que é de grande ajuda para nossa globalização mais humana, é o produtivo fenômeno da imensa junção de gostos, culturas, filosofias e povos em todas as partes do mundo. Essas misturas são, segundo o texto, o detrimento do racionalismo europeu. Isso se deve ao aumento da divulgação de fatos e informações, que cria oportunidades para uma extrema sociodiversidade, até por causa do avanço tecnológico que em nossa era já se tornou evidente.

Com isso existe ainda o “recente” fenômeno da aglomeração de pessoas em lugares menores, como o polo tecnológico de Cingapura, país com uma das maiores densidades demográficas do Planeta. Graças a isso, há uma mudança realmente significativa no sentido de troca de conhecimentos e experiências entre as pessoas, que estariam mais próximas. Dessa forma a transformação aconteceria: com uma grande população em um espaço reduzido, seria uma das bases corretas para a reconstrução da história e a nova utilização das técnicas atuais para um melhor sentido.

Chegando ao final, o geógrafo nos dá a impressão de que a universalidade que a globalização deveria ter nos proporcionado tempos atrás está cada vez mais próxima do que imaginamos, deixando de ser uma elaboração filosófica. Assim, tudo fica mais claro e a diversidade se espalha pelos continentes deste mundo.

A ideia, então, é desconstruir a fábula que nos influencia a imaginar o mundo com perfeição e ilusão, para que a veracidade de toda a situação possa ser reconhecida e transformada de uma vez por todas.

## Referências

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. 176 p.

**Definição de fábula.** Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/fable>> Acesso em: 16 de março de 2018.

